

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #19 (tomo 1) Jul. 2014

Castanheiro do Vento
arquitectura e técnicas de construção

Frutos e Sementes
da Citânia de Briteiros

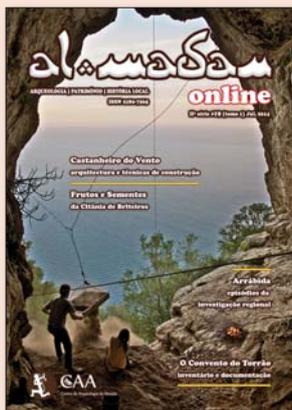
Arrábida
episódios da
investigação regional

O Convento do Torrão
inventário e documentação



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Registo da escavação da Lapa da Cova, na Serra do Risco, em Sesimbra. Fotografia © Ricardo Soares.



II Série, n.º 19, tomo 1, Julho 2014

Propriedade e Edição |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

Tel. / Fax | 212 766 975

E-mail | secretariado@caa.org.pt

Internet | www.almadan.publ.pt

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 2182-7265

Periodicidade | Semestral

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Sofia Oliveira
(publicidade.almadan@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel
dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de
imagem e paginação electrónica |
Jorge Raposo

A data em que são escritas estas linhas (meados de Junho de 2014), o percurso da *Al-Madana Online* continua a justificar o esforço editorial do Centro de Arqueologia de Almada e a valorizar o trabalho dos seus colaboradores. Os dados estatísticos da plataforma ISSUU (<http://lissuu.com/almadan>) relativos ao último semestre comprovam-no: 162.384 visualizações e 8112 leitores, com predomínio dos portugueses (3033), mas em reflexo de uma clara expansão mundial (Brasil, Espanha, Reino Unido, França, Alemanha, Taiwan, Itália e Bélgica são, por ordem decrescente, as origens dos acessos de leitura mais numerosos). Estes dados são ainda reveladores da impressionante taxa de crescimento e difusão desta solução editorial, se atendermos a que em período homólogo de 2013 os valores registados foram de 22.916 visualizações e de 1616 leitores!

As 200 páginas deste novo tomo digital, um dos mais volumosos para corresponder à crescente procura dos autores, contribuirão certamente para consolidar e incrementar a afirmação do modelo de comunicação científica multidisciplinar que a *Al-Madana Online* materializa.

Apresentam-se reflexões sobre os materiais de construção e a arquitectura do sítio proto-histórico do Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) e sobre as condições de navegação no litoral de Cascais (Lisboa) em Época Romana, a par dos resultados de intervenções arqueológicas realizadas no vale do Sabor (Trás-os-Montes) e no centro histórico de Lagos, que também revelaram contextos pré-históricos e romanos. É ainda tratado um interessante caso de reutilização medieval de um monumento funerário megalítico da zona de Nisa.

A investigação osteoarqueológica está representada pela análise do conjunto ósseo exumado na necrópole medieval identificada aquando da expansão urbana de Serpa, enquanto os frutos e sementes recolhidos na Citânia de Briteiros (Guimarães) justificam uma abordagem carpológica. Dois estudos incidem em artefactos de pedra polida da região de Avis e nos cossoiros proto-históricos provenientes da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros), dedicando-se outros a historiar a investigação arqueológica realizada na zona da Arrábida (península de Setúbal) e no Alentejo litoral (neste último caso centrando-se especificamente no período islâmico), a inventariar a documentação relativa ao convento franciscano do Torrão (Alcácer do Sal) e a reflectir sobre a evolução da iconografia associada a Apolo nos baixos-relevos e mosaicos antigos e tardo-antigos.

No plano patrimonial, apresentam-se novidades sobre o sistema defensivo medieval de Albufeira e a evolução da frente ribeirinha de Alcochete, complementadas com trabalho sobre José Joaquim dos Santos Pinto, entalhador-escultor da Casa Real de D. Carlos.

Há ainda noticiário sobre edições e vários eventos científicos e académicos, e informação atualizada quanto à actividade de organismos representativos dos profissionais de Arqueologia.

Razões mais do que suficientes para que expressemos votos de boa leitura!

Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Elisabete
Gonçalves, Fernanda Lourenço
e Sónia Tchissole

Colaboram neste número |
Rui Roberto de Almeida, Marco António
Andrade, Rui Boaventura, Maria Teresa
Caetano, João Luís Cardoso, João
Muralha Cardoso, João Pedro Cardoso,

António Rafael Carvalho, Miguel
Correia, Cláudia Costa, Ana Cruz,
Gonçalo Cruz, Juan Moros Díaz, Glória
Donoso, José d'Encarnação, Maria Teresa
Ferreira, António Fialho, Jorge Freire,
Rita Gaspar, José António Gonçalves,
António Gonzalez, Miguel Lacerda,
Miguel Lago, Elsa Luís, Andrew May,
Ana Mesquita, Luís Campos Paulo,

Franklin Pereira, Inês Vaz Pinto, José
Carlos Quaresma, Ana Maria Silva, Sara
Simões, Ricardo Soares, João Pedro
Tereso e Catarina Viegas

Patrocínio | Câmara Municipal de
Almada Parceria | Arqueohoje Lda
Apoio | Neóépica - Arqueologia e
Património

EDITORIAL ...3 ▶

ARQUEOLOGIA

Das Técnicas de Construção à Arquitetura: algumas notas | João Muralha Cardoso ...6 ▶



ARQUEOCIÊNCIAS

Crescimento na Idade Média: contributo de uma série osteológica | Maria Teresa Ferreira ...77 ▶



O Abrigo Natural do Lombo das Relvas: um local de enterramento do Neolítico final / Calcolítico inicial? | Rita Gaspar, Andrew May, Clòria Donoso e João Tereso ...25 ▶



Frutos e Sementes da Idade do Ferro e Época Romana da Citânia de Briteiros | João Pedro Tereso e Gonçalo Cruz ...83 ▶

A Navegação Romana no Litoral de Cascais: uma leitura a partir dos novos achados ao largo da Guia | Jorge Freire, Miguel Lacerda, José António Gonçalves, João Pedro Cardoso e António Fialho ...36 ▶



ESTUDOS

Sobre os Conjuntos de Artefactos de Pedra Polida das Áreas de Benavila e Ervedal (Avis, Portugal) | Marco António Andrade ...92 ▶



Um Testemunho da *Figlina Scalensia* em Lagos (Portugal): a propósito da grande fossa detritica da fábrica de salga da Rua Silva Lopes | Rui Roberto de Almeida e Juan Moros Díaz ...44 ▶



“Nunca a Boa Fiandeira Ficou Sem Camisa”: os cossoiros da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) | Elsa Luís ...105 ▶



Perscrutando Espólios Antigos - 2: um caso de reutilização funerária medieval na anta de São Gens 1 (Nisa, Norte alentejano) | Rui Boaventura, Maria Teresa Ferreira e Ana Maria Silva ...60 ▶

Arrábida: episódios da investigação arqueológica regional (do século XVIII ao século XX) | Ricardo Soares ...113 ▶



ESTUDOS

O Convento Franciscano de Santo António do Torrão (1584/1604-1843): inventário da documentação existente no Arquivo Distrital de Beja | António Rafael Carvalho ...123 ▶



PATRIMÓNIO

A Descoberta de uma Torre Medieval da Muralha de Albufeira | Luís Campos Paulo ...155 ▶



O Período Islâmico no Alentejo Litoral e na Arrábida: bibliografia básica produzida nos últimos 40 anos (1974-2014) | António Rafael Carvalho ...137 ▶



Elementos Sobre a Evolução Histórica da Frente Ribeirinha de Alcochete | Miguel Correia, António Gonzalez e Jorge Freire ...161 ▶

Apolo Ressurecto em Cristo: efulgências de uma iconografia solar | Maria Teresa Caetano ...144 ▶



José Joaquim dos Santos Pinto (1828-1912): marceneiro, entalhador e gravador de couros da Casa Real de D. Carlos | Franklin Pereira ...169 ▶



EVENTOS

PRAXIS II: a sustentabilidade dos recursos arqueológicos e turísticos em discussão | Ana Cruz ...184 ▶

VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular / VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Aroche - Serpa, 2013) | Comissão Organizadora do VII EASP ...185 ▶

Colóquio Internacional Recursos do Mar e Produtos Transformados na Antiguidade | Inês Vaz Pinto ...188 ▶

Cuantificación de Ánforas - Protocolos y Comparativas: principais resultados de outro seminário de êxito do Projecto *Amphorae ex Hispania* | Rui Roberto de Almeida e Catarina Viegas ...189 ▶

Congresso Internacional de Cerâmica Tardo-Romana Reuniu em Alexandria (LRCW5) | José Carlos Quaresma ...191 ▶

LIVROS

No Limite Oriental do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz. 4.º volume da 2.ª série das *Memórias d'Odiana*, da autoria de Victor S. Gonçalves: uma apreciação crítica | João Luís Cardoso ...181 ▶

NOTÍCIAS

Património e Cidadania: dos vestígios arqueológicos à acção pedagógica | José d'Encarnação ...192 ▶

DISCO2014: conhecer os arqueólogos portugueses | Cláudia Costa, Cidália Duarte e Miguel Lago ...195 ▶

Os Trabalhadores de Arqueologia Portugueses Já Têm um Sindicato | Ana Mesquita e Sara Simões ...197 ▶

Património e Cidadania dos vestígios arqueológicos à acção pedagógica

José d'Encarnação

Realizaram-se, a 14 de Abril deste ano de 2014, na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, as provas de doutoramento em Arqueologia de Mestre Ana Paula Ramos Ferreira, que apresentou a dissertação *Património e Cidadania: dos vestígios arqueológicos à acção pedagógica*. A candidata foi aprovada por unanimidade com distinção e louvor.

A dissertação, iniciada (sublinhe-se) no momento em que o Património começou a ser encarado também como forma de educação para a cidadania, centrou-se em dois sítios arqueológicos paradigmáticos nas suas mui diferentes características: *Conimbriga*, a cidade romana conhecida desde longa data e, de certo modo, o *ex-libris* da arqueologia romana em Portugal, e a *villa* romana do Rabaçal, de mais recente descoberta e valorização, que se localiza, aliás, na área de influência daquela cidade.

Analysaram-se, pois, com base em exaustiva pesquisa na imprensa local e regional (foram consultados cerca de 30 mil números!), os reflexos que ambos os sítios foram tendo, ao longo dos anos, na opinião pública, sublinhando-se, por exemplo, no caso do Rabaçal, a preocupação havida em integrar a musealização dos vestígios e a sua valorização num projecto cultural mais amplo, em que designadamente os produtos locais (como o queijo) não deixaram de ser incluídos, e também o recurso a sugestiva promoção aquém e além-fronteiras, até mediante a reprodução em pacotes

de açúcar de motivos dos seus invulgares mosaicos (Fig. 1). Concluiu-se dessa análise que, em si, como Património, há caminho a percorrer para que, na Comunicação Social, o sítio arqueológico, qualquer que ele seja, se encare como passível de fomentar uma real educação para a cidadania, entendida esta como veículo de uma memória geradora de melhor viver em comunidade.

Nesse aspecto, tendo-se recorrido a inquiridos entre a população escolar – não muito alargados devido aos naturais constrangimentos de que a Escola padece no que concerne à inclusão no seu percurso diário de “elementos” não previstos em programa... –, o panorama que daí resultou preconiza uma cada vez maior abertura ao meio, política que, de acordo com os dados ultimamente vindos a público, não será, infelizmente, a preconizada pelos governos europeus.

Um dos aspectos considerados mais relevantes foi a observação do modo de abordagem da História Antiga, em geral, e da Arqueologia, em particular, por parte dos autores dos “manuais” escolares adoptados. Escarpelizaram-se erros graves, resultantes quer de repetição de lugares-comuns hoje ultrapassados (“*Os Portugueses descendentes dos Lusitanos*”, “*Viriato, o grande herói nacional*”...), quer do facto de, embora apresentem um conselho científico devidamente credenciado, se ficar com a sensação nítida de que os membros desse conselho nem sempre terão tido oportunidade de rever o que estava para ser publicado.

Dada a sua formação mais específica na área da epigrafia (recorde-se o livro *Epigrafia Funerária Romana da Beira Interior. Inovação ou Continuidade?*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, *Trabalhos de Arqueologia*, 34, 2004, de sua autoria), Ana Paula Ramos Ferreira aduziu o exemplo de inscrições romanas identificadas no território actualmente português poderem vir a constituir – se devidamente interpretadas (o que raro acontece nesses manuais) – um dos elementos susceptíveis de cativar a atenção dos estudantes.

FIG. 1 – Panorâmica da *villa* romana do Rabaçal e reprodução, em pacote de açúcar, de mosaico identificado neste sítio arqueológico.



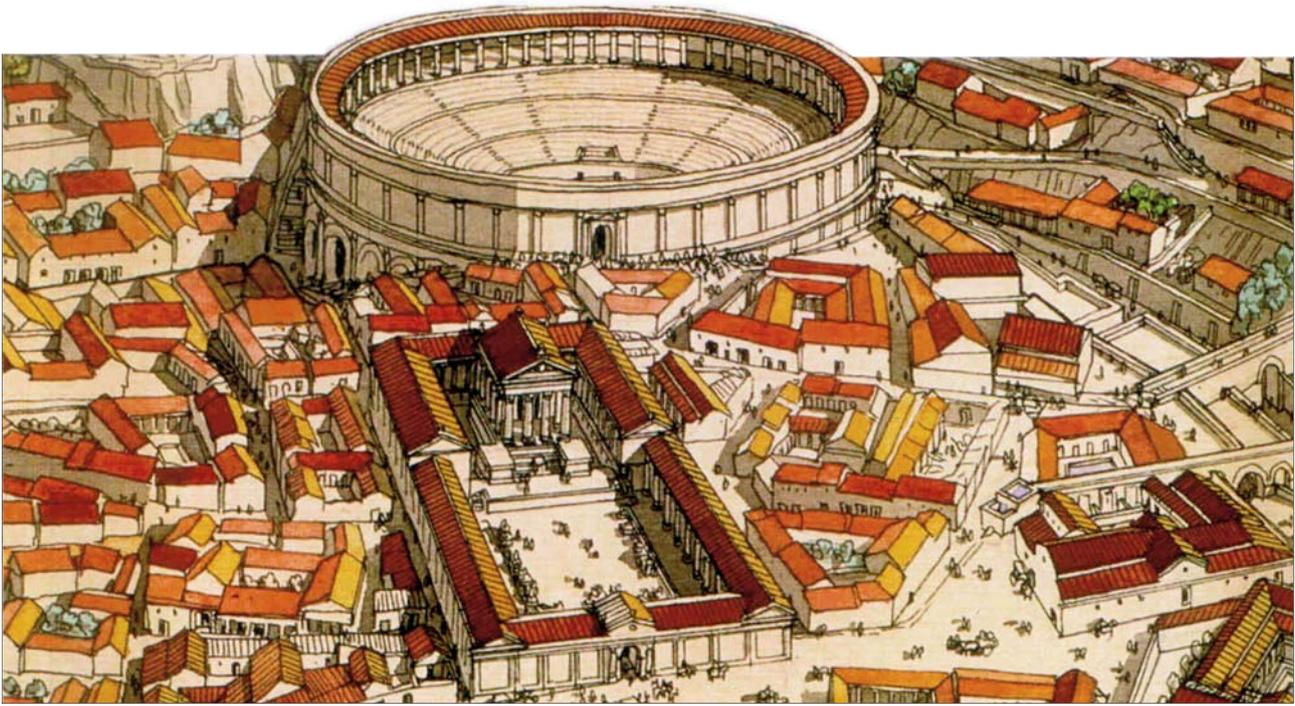


FIG. 2 – Pormenor da reconstituição da cidade romana de *Conimbriga* (da autoria do Arquitecto Jean-Claude Golvin).

No final, a doutoranda apontou direcções de pesquisa que o seu trabalho lhe sugeriu:

– *Alargar a investigação a outros locais de relevância arqueológica, como, por exemplo, Foz Côa, tendo em conta a polémica que envolveu a sua preservação: seria interessante verificar como, actualmente, a comunidade local sente aquele espaço;*

– *Ao nível dos manuais, era importante uma reflexão mais alargada quanto à actualização dos conhecimentos científicos que difundem, e, por isso, estender a revisão aos manuais de História do 10º ano e a outros períodos históricos em que o património arqueológico é relevante, nomeadamente a Pré-História;*

– *Analisar o tratamento dado às ruínas em termos didácticos*”.

Esta, pois, uma síntese singela do trabalho discutido, que mais não pretende, em traços muito gerais, do que dar conta do que ora foi feito e do que fica em aberto numa área de investigação que o júri por unanimidade considerou inovadora, porque encarada numa perspectiva pluridisciplinar e plena de actualidade.

Nótula complementar

Aos que pugnamos pela defesa do Património cultural poderá parecer que se trata de uma luta antiga e até poderemos ser levados a imaginar que sempre foi assim, que a população nunca deixou de pensar que *“ali há ruínas e torna-se importante preservar essa memória”*.

A própria noção de Património – e não vou alargar-me, como também sugeri a Ana Paula que se não alargasse, tantas são as publicações que hoje se debruçam sobre o tema – tornou-se tentacular e corre-se, hoje, o sério risco de tudo ser Património.

Neste aspecto, permita-se-me que apresente dois testemunhos.

Prende-se o primeiro com uma passagem dos “Diálogos sobre a Fé” que D. José Policarpo, Cardeal-Patriarca de Lisboa, manteve com Eduardo Prado Coelho, no *Diário de Notícias*¹.

Na edição de 23 de Novembro de 2003, escrevia D. José Policarpo:

“Muitos de nós fizemos já a experiência de tentar arrumar os sótãos das velhas casas de família, onde as memórias se acumulam, significando que alguém se recusou a deitá-las fora. Um dia meti-me nisso, a arrumar o sótão da nossa casa de família. Numa atitude um pouco iconoclasta, resolvi excluir daquela tradição um conjunto de elementos que amontoei, à espera de os conduzir para o lixo. Nessa tarde chegaram outros dos meus irmãos e, sobretudo, os meus sobrinhos, então crianças e adolescentes. Ficaram indignados, vasculharam minuciosamente o meu amontoado de ‘lixo’ e recuperaram a maior parte das peças rejeitadas. Nestes ‘tesouros de família’, quando decidimos deitar fora alguma dessa ‘tralha’, há sempre quem a recupere.”

No quadro de uma das disciplinas do Curso de Especialização em Assuntos Culturais no Âmbito das Autarquias, solicitei a uma das formandas que indagasse: quando é que a população de

Coimbra começou a sentir como pertença sua, a salvaguardar e a reabilitar, o Convento de Santa Clara-a-Velha. E a investigação redundou em surpresa: de facto, não havia tanto tempo assim que de tal forma se encarassem as ruínas meio submersas, postulando que, em consequência, se domassem as águas, se limpassem epitáfios e se documentassem paredes...²

Ambos os testemunhos vão, se bem atentarmos, no mesmo sentido: é o tempo que “patrimonializa” (passe o neologismo). Uma conotação que visceralmente se prende com o termo inglês *“heritage”*. O tempo que se encarrega de dar valor ao que, em determinada altura, deixou de o ter; por isso, para os Italianos, património são *“i beni”*, “os bens”, os valores!

¹ Acessíveis em: http://www.abcdacatequese.com/index.php/partilha/recursos/doc_view/5815-dialogos-sobre-a-fe-entre-cardenal-patriarca-e-eduardo-prado-coelho.

² O resultado dessa investigação foi publicado: MOURÃO, Teresa (2000) – *Santa Clara-a-Velha. Reflexos do Património*. Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro. A autora dá conta de que só na década de 50 do século passado há brados de indignação na imprensa local acerca do estado deplorável em que o mosteiro se encontrava, concluindo: *“Apesar das ansiedades e destes relatos e do abandono real, não se chegou a efectuar o funeral do monumento. Levaria, no entanto, ainda algum tempo para que se tratasse de o fazer ‘renascer’ das suas águas seculares”* (p. 54).

E nessa linha de pensamento se insere a escolha preconizada para a reflexão de Ana Paula Ferreira: de um lado, uma cidade, *Conimbriga*, que de há muito estava inscrita no rol dos “bens” a salvar e engrandecer; do outro, uma *villa* que desde logo maravilhou pelos seus ricos e singulares mosaicos, pelo inusitado desenho octogonal da sua grande sala central... Mas que poderia esperar-se de uma simples *villa*, ainda que sumptuosa residência senhorial, quando *Conimbriga* ostentava jardins de fino recorte³, requintada estrutura urbanística de fácil reconstituição (Fig. 2), temas de excelente enquadramento cenográfico debruçadas sobre o verdejante vale do Rio dos Mouros?⁴

Conimbriga aguçava, naturalmente, o espírito patriótico e, com ele, qual consequência lógica e imediata, a educação para a cidadania. Que poderia esperar-se, então, da *villa* do Rabaçal? Miguel Pessoa, o arqueólogo que, como técnico de *Conimbriga*, lançou mãos ao projecto, viu que o caminho a seguir deveria ser mais envolvente. Envolvente a nível de imediata projecção – e não se poupou a esforços para dar a conhecer ao estrangeiro o que ali se lograra descobrir⁵. Envolvente a nível de um enquadramento interdisciplinar⁶ e de íntima ligação com o meio, onde

“produtos” como o queijo e a paisagem passaram a constar obrigatoriamente nas campanhas de promoção da Arqueologia – e aí residiu o grande trunfo a que ousadamente se lançou mão para que, junto da população local e não só, as ruínas passassem a ser tidas como um património próprio, ímpar, que se tinha orgulho em mostrar e partilhar⁷.

Sentir-se cidadão implica, pois, um olhar atento à realidade circundante e uma apreciação dos valores que representam comunalmente do passado com o presente. E nesse desiderato os vestígios arqueológicos e a História (designadamente a mais remota) ocupam papel preponderante. Ana Paula Ramos Ferreira cabalmente o conseguiu demonstrar. 

³ ALARCÃO, Jorge de e ETIENNE, Robert (1981) – “Les jardins à *Conimbriga* (Portugal)”. In *Ancient Roman Gardens*. *Dumbarton Oaks*: Harvard University, pp. 69-80 (*Seventh Dumbarton Oaks Colloquium on the History of Landscape Architecture*).

⁴ Para além dos conhecidos sete volumes das *Fouilles de Conimbriga*, regularmente publicados entre 1974 e 1979, a relatar os resultados das escavações luso-francesas, não posso deixar de citar a sedutora monografia da autoria de ALARCÃO, Jorge de (1999) – *Conimbriga. O Chão Escutado*. Mem Martins: Edicarte (veja-se recensão in *Al-Madain*, 9, Outubro 2000, pp. 188-189).

⁵ Ver “Rabaçal de Penela. Era uma vez um palácio romano...”, *PGA Magazine*. 74 (Nov-Dez 2002), pp. 42-48 (texto de divulgação em português, francês e inglês, profusamente ilustrado). E já se referiu a campanha dos seus mosaicos com os “rostos” das estações do ano em pacotes de açúcar (Fig. 1).

⁶ Nesse aspecto, a colaboração de António Lino Rodrigo, formado na área da Antropologia e da Museologia, continua a ser preciosa e eficaz.
⁷ Multiplicam-se as publicações, designadamente as que visam a divulgação do projecto quer para o grande público quer para os especialistas. Exemplos: *Roteiro. Rabaçal Aldeia Cultural*, da autoria de Miguel Pessoa, Lino Rodrigo e Sandra Steinert Santos (Câmara Municipal de Penela, 2001), que comentei no texto “Expor e Comunicar em História e em Arqueologia”, *Revista Portuguesa de História*, 37, 2005, pp. 451-459; e o *Catálogo Espaço-Museu Villa Romana do Rabaçal*, de Miguel Pessoa e Lino Rodrigo (Câmara Municipal de Penela, 2004).

PUBLICIDADE



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[secretariado@caa.org.pt]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luís teotónio pereira, cova da piedade, almada]

• **Medida Património Activo**
(Nov. 2013-Out. 2014)

Valorização e Conservação de Bens Arqueológicos; Investigação e Divulgação da Arqueologia; Educação Patrimonial

• **Medida Emprego 2014**
(Mai. 2014-Abr. 2015)

Bens Arqueológicos do Porto dos Cacós: gestão de reservas; revisão e actualização do Sistema de Documentação e Inventário



al. madan online

[\[http://www.almadan.publ.pt\]](http://www.almadan.publ.pt)

[\[http://issuu.com/almadan\]](http://issuu.com/almadan)

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[\[http://www.caa.org.pt\]](http://www.caa.org.pt)

[\[http://www.facebook.com\]](http://www.facebook.com)

[\[secretariado@caa.org.pt\]](mailto:secretariado@caa.org.pt)

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]